

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E SUPORTE SOCIAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS POBRES

COPING STRATEGIES AND SOCIAL SUPPORT AMONG POOR UNIVERSITY STUDENTS

ESTRATEGIAS DE AFRONTAMIENTO Y APOYO SOCIAL ENTRE UNIVERSITARIOS POBRES

Márcia Kelma de Alencar Abreu*

Verônica Morais Ximenes**

RESUMO

Este artigo objetivou analisar as estratégias de enfrentamento a partir do suporte social percebido pelos universitários pobres para permanecerem no Ensino Superior. Utilizou-se da abordagem mista de pesquisa em duas universidades públicas. A amostra foi constituída por 251 estudantes pobres na etapa quantitativa, de diversas áreas do conhecimento. Na etapa qualitativa, foram 8 participantes de cursos de alta demanda. Destaca-se a relevância das redes de solidariedade, refletida na percepção de suporte social entre colegas, advinda dos familiares e da instituição. As estratégias específicas denominadas de enfrentamento, cooperação e asserção foram identificadas como a estratégia transformadora, enquanto a polarização, invisibilidade, rendimento e participação em outros espaços formativos foram compreendidas a partir das funções de reação e adaptação. Concluiu-se refletindo sobre a necessidade de compreender estes mecanismos para planejar ações promotoras de mudanças essenciais à uma universidade mais aberta, plural e acolhedora para os grupos historicamente marginalizados.

Palavras-chave: Pobreza. Ensino superior. Universitários. Suporte social. Estratégias de enfrentamento.

ABSTRACT

This article aimed at analyzing coping strategies based on the social support perceived by poor university students to stay in Higher Education. It used a mixed approach of research in two public universities. The sample consisted of 251 poor students in the quantitative stage, from various areas of study. In the qualitative stage, there were 8 participants of high demand courses. The relevance of solidarity networks, reflected in the perception of social support

Texto recebido em 26 de maio de 2020 e aprovado para publicação em 23 de agosto de 2021.

*Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará; Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: marcia.abreu@uece.br; ID ORCID: 0000-0003-2262-7918; Endereço para correspondência: Av. Dr. Silas Munguba, 1700. Campus Itaperi – Fortaleza-Ceará – CEP: 60714-903.

** Pós-doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Psicologia pela Universidad de Barcelona, Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará e pesquisadora PQ 2 do CNPq. E-mail: vemorais@yahoo.com.br; ID ORCID: 0000-0003-3564-8555; Endereço para correspondência: Av. da Universidade, 2762. Benfica. Fortaleza-Ceará – CEP:60020-180.

among colleagues, coming from family members and the institution, is noteworthy. The specific strategies called confrontation, cooperation and assertion were identified as transformative strategies, while the polarization, invisibility, academic performance, and participation in other training spaces were understood from the functions of reaction and adaptation. We conclude reflecting on the need to understand these mechanisms in order to plan actions that promote essential changes for a more open, plural and welcoming university for historically marginalized groups.

Keywords: Poverty. Higher education. University students. Social support. Coping strategies.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las estrategias de afrontamiento basadas en el apoyo social percibido por los estudiantes universitarios pobres para permanecer en la Educación Superior. Se empleó un enfoque mixto de investigación en dos universidades públicas. La muestra fue compuesta por 251 estudiantes pobres en la etapa cuantitativa, de diversas áreas del conocimiento. En la etapa cualitativa, hubo 8 participantes de cursos de gran demanda. Cabe destacar la importancia de las redes de solidaridad, procedentes de los colegas, de los miembros de la familia y de la institución. Las estrategias específicas denominadas confrontación, cooperación y afirmación se identificaron como estrategias de transformación, mientras que la polarización, la invisibilidad, el rendimiento y la participación en otros espacios formativos se comprendieron desde las funciones de reacción y adaptación. Concluimos en la necesidad de entender estos mecanismos para planificar acciones que promuevan los cambios para una universidad más inclusiva para los grupos marginados.

Palabras clave: Pobreza. Educación superior. Estudiantes universitarios. Apoyo social. Estrategias de afrontamiento.

1. INTRODUÇÃO

A ampliação do acesso, a partir das políticas que buscam promover a democratização do Ensino Superior, especialmente impulsionada pela Lei de Cotas (Brasil, 2012), possibilitou a entrada ampliada de estudantes pobres. No entanto, gerou grandes desafios para a permanência destes estudantes em uma cultura acadêmica distanciada da realidade da vida em contexto de pobreza. Dessa forma, cabe problematizar a

permanência dos universitários pobres, grupos historicamente excluídos do acesso à educação superior pública brasileira, em um país de abissais desigualdades sociais, onde a formação universitária pode possibilitar ascensão social (Vargas, 2011).

A este respeito, Paula (2017), ao investigar a democratização do ensino superior no âmbito das instituições federais, refere que a taxa de concluintes entre 2000 e 2015 continua desfavorável em relação à expansão do número das vagas e ao ingresso, principalmente após 2008, mesmo com os incentivos dados pelo Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e pela Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAE) a partir de 2007. Ressalta que esse decréscimo da taxa de concluintes é importante indicador para visualizar a permanência, desafiada pela alta evasão.

Dessa forma, a efetiva democratização (Almeida, Marinho-Araujo, Amaral, & Dias, 2012) deve aliar acesso, permanência e sucesso, o que suscita a demanda por pesquisas com essa problemática, de forma a dialogar com a realidade na qual os estudantes estão inseridos (Alves & Pedroza, 2018). Esta evidenciação aponta a necessidade de compreensão dos mecanismos de enfrentamento empreendidos na permanência dos estudantes pobres, necessária para a implementação de políticas e programas voltados a estes desafios. Essa questão está enlaçada com outras relevantes, como rendimento, evasão, saúde mental e permanência prolongada.

Dada a complexidade dessa problemática, este artigo parte da compreensão de pobreza em uma perspectiva multidimensional (Sen, 2000), que considera outros fatores além da renda, ao incluir acessos a bens e serviços, como saúde, educação, lazer etc. Ximenes, Cidade, Nepomuceno e Leite (Ximenes et al., 2014) acrescentam a relevância dos aspectos subjetivos, culturais e ideológicos a esta análise, ao asseverar que há peculiaridades subjetivas produzidas na vida em contexto de pobreza, refletidas nos sentimentos, atitudes, compreensões e enfrentamentos dos sujeitos que são continuamente desafiados a viver nesta condição. Dessa forma, os mecanismos de enfrentamento, foco desta investigação, podem ser compreendidos como estratégias construídas individual ou coletivamente para lidar com as limitações e desafios decorrentes da pobreza (Ximenes et al., 2014).

No ambiente universitário, Cavalcante (Cavalcante, 2014) descreve essas estratégias como um conjunto de habilidades necessárias para elevar o capital econômico, educacional e informacional, social e simbólico,

possibilitando caminhos que habilitem os estudantes pobres a serem inseridos na cultura acadêmica. Da mesma forma, Ribeiro, Peixoto e Bastos (Ribeiro et al., 2017) reconhecem a relevância das redes de sociabilidade para que os alunos adquiram capital social. No entanto, dependendo do volume de capital com o qual o aluno ingressa, esses esforços são diferenciados. Os alunos pobres, que não possuem esses códigos da cultura acadêmica na sua formação pessoal, familiar e escolar, dada a sua condição de membros de grupos historicamente marginalizados no universo acadêmico, cujos códigos culturais de permanência não foram herdados, precisam dispersar amplos esforços nesta construção (Bourdieu & Passeron, 2010). Destarte, este artigo pretende analisar as estratégias de enfrentamento construídas a partir do suporte social percebido pelos universitários pobres para permanecer no Ensino Superior.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa realizada utilizou metodologia mista, pois buscou compreender as estratégias construídas e o suporte social percebido pelos universitários pobres, objeto complexo a ser analisado em perspectivas diversas.

3. CONTEXTO E PARTICIPANTES

Os participantes da investigação foram estudantes pobres de duas universidades do Estado X: Universidade Federal do Estado X (UFC) e Universidade Regional da Região X (URCA). Utilizou-se os mesmos critérios de seleção dos participantes para a etapa quantitativa e qualitativa. No entanto, os quesitos foram diferenciados nas duas instituições, pois na URCA, os cotistas ainda não haviam chegado à época da coleta de dados. A UFC é uma instituição federal, sediada em Cidade X, composta por sete campi, tem cursos em diversas áreas do conhecimento. Na UFC, investigamos alunos cotistas, escolhidos a partir dos critérios: matrícula regular em um dos cursos de graduação presencial dos campi localizados em Cidade X; ser aluno cotista; ter mais de 18 anos.

Já na URCA, universidade estadual e instituição de referência na formação superior da região X, os critérios de participação consistiram em: renda familiar de até 2 salários-mínimos declarada no questionário e/ou ser egresso de escola pública e/ou participar ou ter participado dos Programas de Bolsas de Assistência Estudantil da Pró Reitoria de Assuntos

Estudantis (PROAE), sendo pelo menos um desses três critérios indicação de pobreza. Os outros critérios foram matrícula regular em um dos cursos de graduação presencial dos campi da URCA e ter mais de 18 anos.

A investigação foi realizada em duas etapas, quantitativa e qualitativa. Em ambas as Universidades, os estudantes foram convidados a participarem da etapa quantitativa através da divulgação da pesquisa entre professores e estudantes, em eventos e redes sociais. Ao responder o instrumento quantitativo, assinalavam a disponibilidade de participação na etapa qualitativa, sendo posteriormente contactados, quando disponíveis, através de e-mail.

3.1. Etapa Quantitativa

Dessa forma, a amostra quantitativa (N = 251) incluiu as duas universidades, composta por 60% de alunos (n = 152) da UFC e 40% (n = 99) de alunos da URCA, a maioria tendo cursado o Ensino Médio em escola pública (f = 91%; n = 222). A maior parte dos sujeitos são jovens de 18 a 23 anos (f = 80%; n = 202), autodeclarados pardos, somatória de pardos e pretos (f = 76%; n = 192), do gênero feminino (f = 64%; n = 161). Os diversos cursos estão representados, especialmente nos departamentos de Humanidades (f = 22%; n = 57), Ciências Exatas (f = 17%; n = 42) e Saúde (f = 14%; n = 34).

3.2. Etapa Qualitativa

Já na etapa qualitativa, foram escolhidos 8 participantes de cursos de alta demanda, pois, nessas graduações historicamente ocupadas pelos grupos economicamente favorecidos, o caráter elitista de códigos e condutas é ainda mais reproduzido, o que acentua os desafios para permanência dos jovens pobres. Assim, selecionou-se os cursos a partir da nota de corte do ENEM/SISU na UFC e pela alta concorrência no vestibular na URCA, de forma a buscar a representatividade entre as unidades acadêmicas. Assim, foram 4 estudantes dos cursos de Medicina (MED.UFC), Engenharia da Computação (ENG.UFC), Psicologia (PSI.UFC) e Administração (ADM.UFC) da UFC e 4 dos cursos de Enfermagem (ENF.URCA), Direito (DRT.URCA), Engenharia de Produção (ENG.URCA) e Pedagogia (PED.URCA) da URCA, representando-se cada curso com um estudante.

Em geral, os 8 participantes das entrevistas, sendo cotistas ou não, podem ser considerados jovens que vivem em contexto de pobreza nos

curso de alta demanda. Foram 5 participantes do sexo biológico feminino e 3 do sexo biológico masculino, com idades que variaram entre 18 e 31 anos, sendo que sete deles tinham até 23 anos. 5 estudantes são bolsistas, 1 é trabalhador, 1 voluntário no laboratório e 1 recebe auxílio emergencial. Metade dos estudantes são os primeiros da família a ingressarem no Ensino Superior.

Constituiu-se uma amostra do tipo não probabilística, por conveniência, em ambas as etapas, por não possuir rigor estatístico na quantificação e seleção dos participantes. Todos os participantes nas duas etapas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o projeto de pesquisa foi aprovado no comitê de ética competente, resguardando os princípios e diretrizes da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Portanto, os nomes dos entrevistados apontados na pesquisa são fictícios, de forma a resguardar a identidade deles, e seguem acompanhados das siglas já descritas do Curso e Universidade.

4. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

4.1. Etapa Quantitativa

Na etapa quantitativa, a técnica utilizada para coletar dados foi o questionário, na modalidade on-line. Foram utilizadas duas escalas nessa investigação: a Escala de Percepção de Suporte Social (EPSS) (Siqueira, 2008) em sua versão original tem 29 itens que pontuam de 0 a 3 (0 = Nunca; 1 = Poucas Vezes; 2 = Muitas Vezes; 3 = Sempre) e apresenta questões que iniciam com a pergunta: "Quando você precisa, pode contar com alguém que...?" No entanto, nesta investigação utilizou-se a versão reduzida desse instrumento (EPSS-r) (Ximenes et al., 2020), finalizada com 12 itens ao ser adaptada e validada para a população brasileira que vivencia contexto de pobreza. Na presente amostra (N = 251), a Análise Fatorial Exploratória (AFE), por meio do método do eixo principal com rotação oblíqua (promax), revelou estrutura unifatorial, com os índices: KMO = 0,91; Barlett $p < 0,001$; $0,51 < > 0,80$; percentagem de variância acumulada pelos fatores = 0,51; Variância Média Extraída (VME) = 0,47 e Fiabilidade Compósita (FC) = 0,91. Sendo assim, o construto Suporte Social foi calculado a partir da média dos 12 itens.

A outra escala utilizada foi a Escala de Integração Social no Ensino Superior Revista e Aumentada (EISES-R) (Diniz, 2017). Os fatores RC (Relação com os Colegas), RP (Relação com os Professores), RA (Relação

com os Amigos) e RF (Relação com a Família), e EE (Equilíbrio Emocional) foram observados como construtos latentes desta escala, instrumento constituído por 30 itens referentes à integração social dos estudantes, com escala de resposta de Likert que varia entre “discordo totalmente” (1) e “totalmente de acordo” (5). Para fins de validade estrutural dos construtos, foi realizada AFE nessa amostra (N = 251) por meio do método do eixo principal com rotação oblíqua (promax). Os resultados foram: KMO = 0,84; Barlett $p < 0,001$; percentagem de variância acumulada pelos fatores = 0,54, resultando em 5 fatores, com índices de VME entre 0,49 e 0,73 e de FC entre 0,73 e 0,89.

4.2. Etapa Qualitativa

Por fim, na etapa qualitativa, a entrevista foi o instrumento utilizado devido à sua potencialidade para o alcance do objetivo ao possibilitar a compreensão profunda e complexa da interseção entre a trajetória acadêmica do estudante, a percepção de suporte social e as estratégias de permanência por eles construídas. As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou virtual por meio de vídeo chamadas, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. O conteúdo foi gravado e transcrito.

5. ANÁLISE DE DADOS

Na etapa quantitativa, a partir da tabulação dos dados dos questionários no software SPSS, foram realizadas estatísticas descritivas e modelo de regressão linear múltipla. Foi utilizada análise a priori para identificar o tamanho da população necessária ao teste de regressão, a partir de uma magnitude de efeito moderada diretamente determinada, um erro tipo I de 0,044 e um poder estatístico de 0,80 (Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A, & Lang, A. G, 2009). Observou-se também os critérios de normalidade para a realização do teste de regressão.

Na etapa qualitativa, utilizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 2009) dada a potencialidade desta técnica em possibilitar a apreciação do discurso dos estudantes a partir do foco de pesquisa. Utilizou-se o software Atlas ti 5.2 para codificação das informações. Neste artigo, enfatizou-se as seguintes macrocategorias a partir das categorias de análise a elas relacionadas: Suporte Social (Percepção de Suporte Social, Tipos de Suporte Social, Fontes de Suporte Social) e Estratégias Específicas do Ensino Superior (Cooperação, Polarização, Asserção, Enfrentamento,

Invisibilidade, Rendimento Acadêmico, Participação em outros espaços formativos).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO – SUPORTE SOCIAL E A RELEVÂNCIA DAS REDES DE SOLIDARIEDADE NA PERMANÊNCIA ACADÊMICA

As adversidades consequentes dos desafios impostos pela situação de pobreza no meio acadêmico exigem aprendizagens e adaptações para a construção das estratégias de enfrentamento. Nessa perspectiva, Vigotsky (Vigotsky, 2001) enfatiza a construção sócio-histórica da consciência humana a partir da apropriação da realidade e do desenvolvimento cultural, alargando-se impulsionada pela aprendizagem em sua perspectiva relacional. Assim, as relações sociais, quando percebidas como suporte social, são potencialmente propulsoras dos instrumentais práticos, cognitivos, informacionais e afetivos, necessários à construção de novos mecanismos que auxiliem os estudantes a lidarem com as situações adversas, estressoras e conflitivas que os desafiam a permanecer na universidade.

Para Griep et al. (2005), o suporte social pode ser compreendido a partir da satisfação do indivíduo em relação à qualidade e disponibilidade das funções emocionais, materiais e informativas nas relações interpessoais, em uma perspectiva de reciprocidade. Este recurso aumenta os níveis de proteção social, de coerência e controle da vida, beneficiando a saúde e diminuindo o estresse (Gonçalves, Pawlowski, Bandeira, & Piccinini, 2011; Andrade & Vaitsman, 2002).

Assim, esta categoria é crucial para a problemática anunciada, pois o suporte social é um valioso recurso utilizado pelo estudante pobre como “estratégia integradora” (Zago, 2006). “[...] Eu tenho uma grande rede de apoio aqui na universidade, que se resume aos meus amigos, professores próximos e o meu núcleo, o núcleo que eu faço parte. Então eu recebo um apoio muito grande, tanto financeiro, como afetivo” (Vitória, PSI.UFF). Esta estudante aponta a importância que a rede de suporte tem para a sua permanência na Universidade e cita diferentes tipos de apoio, como o afetivo e financeiro. Braga (Braga, 2011) descreve a diversidade de tipos de suporte social, o que inclui o suporte afetivo, se refletindo em apoio emocional, através do encorajamento e cuidado. Já o apoio financeiro faz parte do suporte instrumental, que pode ser materializado através da família, amigos e instituição ao fomentar recursos para alimentação, transporte, material didático etc.

Ademais, conhecer as diferentes fontes de suporte (Silva et al., 2016) também se faz necessário para o reconhecimento das disponibilidades de apoio advindas

das diversas redes sociais em contextos específicos, em nosso caso, no contexto acadêmico. Neste espaço, a fonte de apoio familiar advém por meio de pais, irmãos e outros familiares; a fonte comunitária, por meio de vizinhos, amigos, colegas e professores que compõem a comunidade acadêmica; e a fonte de suporte institucional inclui as diversas políticas da universidade, sobretudo, a da assistência estudantil. Nesse mesmo sentido, Tontini e Walter (Tontini e Walter, 2014) reiteram a importância do suporte social advindo de outros estudantes e dos professores para diminuir a propensão à evasão e garantir a permanência dos alunos.

Para analisar as fontes de suporte social percebido, se testou um modelo de regressão linear múltiplo, com método enter, para predição das variáveis independentes Relações com os Colegas (RC), Relações com os Professores (RP), Relações com a Família (RF), Relações com os Amigos extra universitários (RA) sobre o critério percepção de Suporte Social (SS) dos universitários que vivem em contexto de pobreza, a fim de compreender quais são as principais fontes que auxiliam na percepção de suporte (Tabela 1). A análise a priori determinou tamanho mínimo amostral de 88 participantes. Quanto aos pressupostos de normalidade, foram observados nos preditores RP ($ZK-S = 0,05$; $p = 0,081$); RA ($ZK-S = 0,05$; $p = 0,200$) e RC ($ZK-S = 0,05$; $p = 0,070$), assim como no critério SS ($ZK-S = 0,05$; $p = 0,200$). Apesar de esse pressuposto não ter sido observado no preditor RF ($ZK-S = 0,07$; $p = 0,008$), o fato de ter o tamanho amostral suficiente, uma excelente potência estatística e magnitude de efeito moderada (Tabela 1), permitiu a realização da análise. Outros pressupostos foram observados: $1,05 < VIF < 1,12$; teste d de Durbin-Watson = 1,65.

Tabela 1
Regressão linear múltipla para predição de Suporte Social

Modelo Geral de Regressão	$F(4,246) = 9,34$; $p < 0,001$; $R^2 = 0,12$; $f^2 = 0,13$; $Pobs = 0,99$			
Preditor	T	B	EP	B
Relação com os Colegas	$t(250) = 5,50$ $p < 0,001$	0,33	0,06	0,34
Relação com a Família	$t(250) = 2,25$ $p < 0,05$	0,12	0,05	0,14
Relação com os Amigos	$t(250) = 1,69$ $p = 0,093$	0,10	0,06	0,10
Relação com os Professores	$t(250) = -1,13$ $p = 0,260$	-0,07	0,06	-0,07

Fonte: dados da Pesquisa.

Nota: $f^2 = R^2/1 - R^2$

Ao analisar a Tabela 1, podemos concluir que o modelo geral de regressão,

se apresenta como significativo, o que pode sugerir a importância que as dimensões da integração social têm para a predição da percepção de suporte social. No entanto, ao observar cada relação de predição, pode-se inferir que as fontes de suporte entre colegas e familiar são as mais importantes, especialmente as relações com os colegas.

[...] em questão financeira, e também tem questão de, por exemplo, as meninas que moravam aqui já primeiro que eu, elas têm uma carreira maior, digamos assim, na universidade, então, em algumas coisas que eu tenho dificuldade, como, por exemplo, artigos, projetos, que não são tão cobrados no meu curso, quando tem elas me ajudam muito, porque eu não sou bom nisso (Francisco, ENG.URCA).[...] eu fiz muita amizade dentro do campus, apoio emocional também, por tá longe dos pais, né, tem o pessoal que sempre dá conselho, né, e as amigadas também [...] o pessoal da universidade eles ajudam muito no que, no que podem, né. Já fiz muita amizade aqui [...] (Carol, ENF.URCA).

Para Diniz (Diniz, 2005) e Almeida (Almeida, 2007), a integração social é fundamental para que o aluno adquira as competências técnico-científicas, psicossociais e culturais no meio acadêmico, potencializando a sua adaptação e permanência. Para os alunos pobres, isso se torna um desafio ainda mais relevante, dada a imprescindibilidade de apoio das redes de sociabilidade. Pode-se observar nos relatos de Francisco (ENG.URCA) e Carol (ENF.URCA) que o suporte construído entre alunos nas redes de sociabilidade do meio acadêmico revela-se em ambas as dimensões: cognitivo-instrumental e afetiva-cooperativa (Ximenes et al., 2020), constituindo-se como fundamental para superação das adversidades enfrentadas pela condição de pobreza.

O aluno pobre, ao ingressar no nível superior, muitas vezes pode ser distanciado dos amigos do ambiente não universitário e da comunidade, diminuindo o suporte recebido dessas fontes, necessitando reconfigurar suas relações interpessoais para conquistar os recursos emocionais, instrumentais e materiais dos quais necessita. Essa questão pode explicar o porquê de a Relação com os Amigos não ser preditora da percepção de Suporte Social. Também em conformidade com a Tabela 1, o outro preditor que não se relacionou com o modelo foi a Relação com os Professores o que pode ser explicado pelo fato de que ela não adquire relevância em todas as fases da formação acadêmica, obtendo um maior impacto entre os estudantes que já ultrapassaram as primeiras etapas do curso.

No entanto, vale lembrar que o apoio das redes de solidariedade inicia

em casa, com o suporte ofertado pela família, já que o duplo sentido de transformação da permanência do jovem pobre engloba o âmbito familiar em seu projeto (Santos, 2009). A relação com a família, um dos preditores da percepção de Suporte Social, é relevante para a permanência jovens pesquisados:

[...] e o meu pai, ele manda o dinheiro do meu aluguel [...] (Carol, ENF.URCA).

[...] minha família me dá muito apoio, né, minha mãe principalmente assim, sempre se disponibilizou para ficar com meu filho, como também de me ajudar financeiramente [...] (Laura, DRT.URCA).

[...] a minha família sempre me ajuda, mas, assim, tudo dentro do limite, nunca dá para a gente, assim, fazer alguma coisa, assim, a mais, é realmente aquilo que é o necessário mesmo [...] (Vitória, PSI.UFC).

Para Cardoso e Baptista (Cardoso e Baptista, 2015), o suporte familiar é manifestado através da afetividade, autonomia e diálogo, configurando-se como o grau de apoio que o sujeito percebe de sua família. Isso pode se configurar também na dimensão cognitivo-instrumental. Para as famílias de Carol (ENF.URCA), Laura (DRT.URCA) e Vitória (PSI.UFC), o projeto de ter um filho universitário faz com que a permanência na Universidade seja uma prioridade e implica em sacrifícios financeiros.

eu tive esse incentivo desde antes, no ensino médio mesmo, a escola em si ela incentivava muito a gente fazer vestibular, Enem, e... eles ensinavam, assim, ensinavam, incentivavam, na verdade, a gente a vir, e tanto que alguns professores eles contribuía, também financeiramente no início pra gente. Como a gente é da mesma cidade, quase todo mundo da mesma escola, ajudavam a gente dando uma quantia todo mês para a gente se manter aqui. [...] (Francisco, ENG.URCA).

No entanto, no caso de Francisco (ENG.URCA), esse projeto não é apenas do estudante ou da família, envolve a comunidade rural, de onde ele e outros estudantes vieram. Os professores da escola, que são, muitas vezes, pessoas com um capital econômico e cultural mais elevado nas localidades rurais, incentivam, ensinam e financiam os jovens para entrarem e permanecerem na Universidade. Ter pessoas qualificadas nessa comunidade rural é um projeto coletivo, de suporte ao jovem e a suas famílias, que, pela condição ainda mais agravada de pobreza, muitas vezes podem não ter recursos suficientes para manter os filhos em outra

cidade.

[...] eu acho que a bolsa, né, é o que tem me ajudado muito, né, porque principalmente que a minha mãe, por exemplo, ela não tem condição para mandar dinheiro para mim todos os meses, então ela já, depois que eu comecei a ganhar a bolsa, ela já não me ajuda de forma nenhuma porque até mesmo ela recebe uma quantia de dinheiro inferior do que a que eu recebo com a bolsa (Carol, ENF.URCA).

Vale destacar que a questão financeira da família é amenizada quando os alunos recebem bolsa ou auxílio de fonte institucional, o que é relatado no caso de Carol (ENF.URCA).

E é... sou bolsista, né, da URCA e a bolsa é o que me sustenta assim na, na universidade, para tirar xerox, para pagar passagem, essas coisas (Laura, DRT.URCA).

Sim, na universidade tenho uma bolsa de Assistência estudantil [...] Ajuda. Principalmente a bolsa, né? (Francisco, ENG.URCA).

Sobre a importância do suporte institucional, Vargas (Vargas, 2011) destaca que essa fonte, advinda das políticas de assistência estudantil, passa a ser fundamental para a permanência do aluno pobre. A bolsa de assistência estudantil dos estudantes entrevistados é a principal referência de apoio financeiro. No entanto, cabe ressaltar que, para Leite (Leite, 2012), essa política deve ser problematizada em relação a sua adequação ou não às necessidades do bolsista, devendo ir para além do apoio financeiro, ao aliar outras dimensões, como a formação.

7. A ESPECIFICIDADE DAS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NO ENSINO SUPERIOR

Algumas estratégias construídas pelos universitários negros para a permanência foram assinaladas, primeiro por Santos (Santos, 2009): cooperação, polarização, enfrentamento, invisibilidade, rendimento acadêmico, e, posteriormente, segundo complementação de Cavalcante (Cavalcante, 2014), asserção. Essas autoras investigam os estudantes na condição de cotistas, na qual o critério de vulnerabilidade socioeconômica é prevalente, o que nos autoriza a pensar esses mecanismos também para os alunos que vivem em contexto de pobreza, adaptando-os para as problemáticas por ele enfrentadas. Uma outra estratégia, que surge a partir da análise dos relatos do sujeito desta pesquisa, é a participação em outros espaços formativos.

Ademais, Cidade (Cidade, 2019) faz uma distinção necessária entre enfrentamento e transformação das adversidades enfrentadas por pessoas que vivenciam contextos de pobreza. A autora considera que, na passagem do enfrentamento (reação/adaptação) para a transformação, há uma continuidade decrescente das implicações psicossociais da pobreza, ao tempo em que há uma continuidade crescente do potencial de mudança das estruturas sociais.

Dessa forma, o enfrentamento é pré-condição à transformação e atua em dois níveis: reação e adaptação. Enquanto a reação a uma situação desafiadora supera a indiferença em um primeiro nível e instiga os sujeitos a se ajustarem diante das adversidades, a adaptação implica na criação de respostas diante das situações conflitivas. No entanto, no enfrentamento (reação e adaptação), apenas os sujeitos se transformam, já no nível da transformação, a situação adversa em si é transformada (Cidade, 2019).

Aponta-se, a seguir como estas estratégias são concretizadas nas vivências dos sujeitos entrevistados, refletindo sobre a dinâmica do seu potencial do enfrentamento (reação/adaptação) à transformação. A estratégia cooperação é a primeira a ser analisada. Na estratégia cooperação, os estudantes se unem em grupos e formam redes de apoio e solidariedade:

Não, sempre tinha algumas pessoas que já tinham visto algum conteúdo. Então, quem sabia ensinava aos outros e a gente pegava o conteúdo da disciplina e ia encaixando, por exemplo, o que a gente... o que faltava no ensino médio, a gente ia encaixando o que sabia e ia ensinando aos outros (Francisco, ENG.URCA).

[...] geralmente o pessoal faz resumo, repassa para os outros, repassa prova, se ajuda bastante (Maria, MED.UFC).

Francisco (ENG.URCA) e Maria (MED.UFC) relatam como vivenciam a cooperação entre estudantes em diversas questões, como conteúdo das disciplinas, informações sobre projetos, compartilhamento de materiais e equipamentos didáticos etc.

Então, essa questão de eu morar com outros estudantes que passam pelas mesmas dificuldades, a gente se ajuda muito! (Carol, ENF.URCA).

[...] tem aquelas pessoas assim mais próximas, né, que, que me ajudam [...] (Laura, DRT.URCA).

Ou a gente vai para a casa de alguém, e todo mundo junta dinheiro para comprar comida, ou às vezes um não tem dinheiro,

mas mesmo assim participa porque os outros cobrem a quantia. (Vitória, PSI.UFC).

Almeida et al. (Almeida et al. 2012) apontam a importância da cooperação para a formação de novos vínculos sociais. Este mecanismo é fundamental para a permanência, ao agregar aspectos pedagógicos, sociais, afetivos, informacionais e econômicos. A cooperação revela seu potencial transformador do ambiente universitário, superando o nível de reação e adaptação, pois impulsiona mudanças nas relações acadêmicas pautadas na solidariedade e ajuda mútua.

Já a estratégia polarização, embora também seja um mecanismo de cooperação e apoio mútuo, é restrita apenas ao universo dos grupos marginalizados.

[...] Até que eu passei a fazer parte de outros grupos, de outras pessoas que vinham de uma condição social mais parecida com a minha, e isso tornou mais fácil o meu convívio com os colegas, porque eram pessoas que eu tinha assuntos em comum, eram pessoas que entendiam quando eu falava de cotas e tal, e já uma outra parte da sala, né? Que era uma parte, inclusive, de pessoas legais e tal, de pessoas boas, mas que não... não me encaixava (Pedro, ADM.UFC).

[os cotistas] [...] geralmente são pessoas que moram na mesma regional, que moram em bairros próximos, tem mais essa aproximação, né? Assim como você vê que os alunos que vem de determinada escola particular, eles já andam mais juntos, saem mais juntos, assim. Você vê ali os cotistas geralmente que fazem o mesmo programa, que eles que vão almoçar no RU., ou eles sempre racham alguma coisa, dividem o preço de algo [...] (Vitória, PSI.UFC).

As estratégias de polarização entre alunos cotistas são relatadas pelos entrevistados da UFC, como exposto por Vitória (PSI.UFC). Assim, os alunos passam a se agregar somente com aqueles considerados pares, que são identificados como seus iguais. Conforme vivenciado por Pedro (ADM.UFC), os grupos também podem auxiliar no sentimento de pertença desses jovens, já que eles se sentem estranhos no ninho, devido à diferença de habitus de classe (Bourdieu, 2007), principalmente nos cursos de alta demanda, onde há jovens de elevados capitais econômicos e culturais.

No caso dos cotistas, agrupam-se somente com cotistas. Alguns os fazem por um posicionamento político, afirmando a identidade de cotista, outros como estratégia para driblar a exclusão e como mecanismo de proteção.

Segundo Cavalcante (Cavalcante, 2014), um dos riscos da polarização é o surgimento de guetos, o que não tensiona a transformação da cultura acadêmica para lidar com a diversidade, atuando no âmbito de reação e adaptação dos sujeitos.

Na estratégia enfrentamento, por sua vez, os estudantes combatem abertamente os discursos preconceituosos e as atitudes de discriminação, revelando o seu potencial transformador:

[...] é por isso que, por conta desses argumentos [preconceituosos de alunos], que a gente vê a necessidade de estar debatendo mais ainda! (Laura, DRT.URCA)

na minha sala de aula principalmente, esses assuntos são bem debatidos, os cotistas eles se colocam bastante. Eles falam das experiências que têm nos bairros deles, na escola de onde eles vieram, então na minha sala esse assunto é bem recorrente, assim.

[...] ver [atitudes discriminatórias] me incomoda bastante, geralmente eu me, eu me posiciono, assim, ou na hora ou depois. (Vitória, PSI.UFC)

A estratégia enfrentamento, relatada por Laura (DRT.URCA) e Vitória (PSI.UFC) tensiona a cultura acadêmica e as práticas curriculares para a transformação da universidade em uma perspectiva plural de abertura às diversidades. Por outro lado, a falta de mobilização dos jovens pobres/cotistas é desfavorável ao combate do preconceito, racismo e desigualdades existentes na cultura acadêmica. Faz-se claro, portanto, que esta estratégia atua no nível da transformação em um nível amplo, impactando nos aspectos sociais, pedagógicos e políticos.

Oposta à estratégia anterior, a estratégia de invisibilidade constitui o mecanismo de não debater sobre estas atitudes opressoras e se passar despercebido, como grupo sub representado, consistindo em falar e atuar pouco para não ter que se defrontar com essas situações.

Pesquisadora: No seu curso, você se declara estudante cotista? Vocês falam sobre isso? As pessoas falam que são cotistas? Se autodeclaram?

Entrevistado: Na, não entendi o termo cotista.

Pesquisadora: Se fala para alguém que você entrou por cotas? Se você se autodeclara? Se é tocado nesse assunto, é conversado?

Entrevistado: Só no, só algumas pessoas perguntando no, no início: "De que escola tu veio?" Mas é pouco, quem mais pergunta

sobre isso é quem se importa com essa questão, mas no geral não perguntava isso não (João, ENG.UFC).

Pesquisadora: Alguém pergunta se você é cotista? Há esse debate?

Entrevistada: Geralmente, dificilmente a gente fala sobre isso. As vezes que falava era nos semestres iniciais. Agora, muito difícil falar sobre isso.

Pesquisadora: No começo que tem essa questão de conhecer, né?

Entrevistada: É, quando chega, vai se conhecer, vai dizer de qual escola veio. Geralmente tem. Hoje em dia não tem mais isso (Maria, MED.UFC).

Nas vivências dos estudantes entrevistados, pertencentes aos cursos mais elitizados, como os de Medicina e Engenharia da Computação da UFC, os cotistas nem sempre debatem sobre as suas condições e peculiaridades, o que pode favorecer a invisibilidade dessas questões. Inclusive, sentimos um certo incômodo destes alunos ao responder a essas questões. A estratégia invisibilidade é aqui identificada e implica em dificuldade de se reconhecer, assim como em necessidade de se proteger da estigmatização.

Considera-se que o silenciamento e a resignação inerentes a este mecanismo são reflexos da aceitação da condição de inferioridade no campo de forças da cultura acadêmica. Entretanto, salienta-se a ressalva feita por Cavalcante (Cavalcante, 2014) ao reafirmar a importância dessa estratégia para proteção da identidade, como fator de camuflagem da exclusão vivenciada por esses grupos. Embora contribua para o acirramento dos preconceitos e discriminações vivenciados, precisamos reconhecer que, em muitas situações, é uma alternativa para sobrevivência de muitos estudantes que não possuem o fortalecimento advindo das redes de sociabilidade. Conclui-se que a estratégia invisibilidade também é empregada apenas com função de reação e adaptação.

Por outro lado, oposta à estratégia invisibilidade, na estratégia asserção, os cotistas se agregam para ganhar visibilidade. Relatada por Cavalcante (Cavalcante, 2014) como uma estratégia maior, a partir da qual várias outras se desenvolveriam, consiste na apropriação da identidade de grupo sub representado como princípio gerador de permanência, pois os remetem ao autorreconhecimento como sujeitos de direitos através da sua condição social e/ou racial.

Hoje, cada vez mais, assim, é muito bom olhar para minha sala e ver que, por exemplo, tem pessoas que me entendem, que são da mesma realidade que eu. Que se não existissem cotas, por mais que eu

conseguisse entrar aqui dentro, e entre muitas aspas, me esforçasse muito pra estar aqui, e tal, e todo esse discurso meritocrático, que é mentiroso, mas enfim, por mais que eu conseguisse, se não tivesse cotas seria muito mais difícil, se não tivessem cotas seria muito mais difícil encontrar outras pessoas pra me identificar. E a permanência aqui dentro seria muito mais difícil (Pedro, ADM.UFC).

Cada vez mais os alunos cotistas, eles estão ocupando o espaço que é deles por direito [...] (Vitória, PSI.UFC).

Pedro (ADM.UFC) reconhece que a existência dos cotistas possibilita que ele tenha um grupo com o qual se identificar. Mais do que a possibilidade de acesso, ele vê a importância da convivência e identificação com os cotistas e como cotista para a permanência. Vitória (PSI, UFC) percebe a necessidade de os cotistas não apenas entrarem, mas ocuparem o espaço de legitimação dos seus direitos. A estratégia asserção, assim como a estratégia enfrentamento, outorga transformação da cultura acadêmica, já que a afirmação identitária das minorias tensiona mudanças.

Como outra estratégia para a permanência da universidade, o desempenho acadêmico, também assinalado por Santos (Santos, 2009), é o mecanismo que gera mais polêmicas, pois se relaciona diretamente à ideologia da meritocracia que nega a eficácia acadêmica dos estudantes cotistas. Esse fato a torna uma das estratégias mais relevantes, na medida em que o rendimento é um critério importante de legitimação do lugar ocupado pelo estudante pobre/cotista na Universidade:

[...] pelo menos na minha sala, eu vejo que as pessoas que se reivindicam mesmo como cotistas elas, é, como é que eu posso dizer? Elas realmente se esforçam pra estarem ali, entendeu? Porque a gente que é de escola pública, a gente sabe que é realmente difícil estar aqui. Então, quando você entra aqui, você quer se manter mesmo, sabe? É isso! (Pedro, ADM.UFC).

Para os cotistas da turma de Pedro (ADM.UFC) os esforços estudantis são empreendidos para manter com um bom rendimento, enfrentar os desafios da defasagem na educação básica e permanecer na Universidade. Para Serafim (Serafim, 2015), o desempenho pessoal é central na ideologia meritocrática. O mérito culpa o estudante pelo seu sucesso ou fracasso, escamoteando as diferenças de esforços necessários para a aquisição do capital cultural que a academia requer e camuflando as dificuldades que os alunos pobres têm para adquirir esse capital, distanciados de sua cultura familiar e escolar. A comparação denuncia as desigualdades escolares, reflexos das desigualdades sociais, evidenciando as disparidades de

condições de acesso e permanência.

No entanto, a investigação realizada por Queiroz et al. (Queiroz et al., 2015) conclui que não há desigualdade significativa de rendimento acadêmico entre todas as modalidades de cotas e a ampla concorrência. Ou seja, eles resistem às garras da ideologia meritocrática, que renega a capacidade dos cotistas em alcançar um bom desempenho, e buscam se inserir no meio acadêmico através do reconhecimento como bons alunos, marcador importante na academia, especialmente nos cursos de alta demanda. Dessa forma, rompem com a prescrição de fracasso no rendimento que lhes é imposta pela meritocracia.

Assim, percebe-se que há um impacto maior no âmbito de reação e adaptação dos sujeitos, no desenvolvimento pessoal, do que na transformação da cultura acadêmica, já que a busca é de se inserir nas normas que estão postas. A estratégia de participação em outros espaços formativos, embora atue também no desenvolvimento dos sujeitos, difere da estratégia de rendimento acadêmico e surge de forma original nesta pesquisa a partir da análise dos relatos dos participantes:

Pesquisadora: Como é que está o teu desempenho acadêmico?

Entrevistado: Não está bom em relação na... eu costumo separar quando eu falo disso. Academicamente, é, eu não sou bom, minhas notas não são boas, mas no quesito formação, eu sou muito agradecido pelo que eu venho aprendendo e tento aproveitar tudo o que vejo aqui e o que a universidade oferece, não só nas minhas cadeiras normais.

Pesquisadora: Você vê a formação para além das notas?

Entrevistado: É isso!

Pesquisadora: Você participa de alguma bolsa, de algum projeto?

Entrevistado: De bolsa, não. Eu participo do laboratório como voluntário, o laboratório não é de pesquisa, o laboratório é voltado para desenvolvimento de projetos práticos mesmo, lá tem tudo, não posso dizer todo aparato, mas tem bastante coisa para gente poder desenvolver os projetos, colocar a mão na massa, é para isso que serve o laboratório (João, ENG.UFC).

(...) eu me considero uma aluna mediana em relação às disciplinas mesmo da grade curricular, mas eu me sinto mais realizada e sinto que eu tenho melhor desempenho nas atividades que não as de sala de aula, é que são as atividades de núcleo, projeto de extensão... (Vitória, PSI.UFC).

Para João (ENG, UFC), participar do laboratório como voluntário

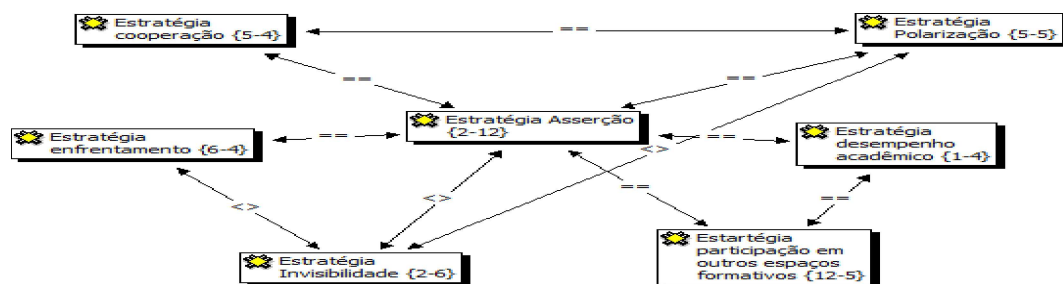
significa expandir as suas possibilidades de aprendizagem, possibilitando desenvolver atividades práticas. Embora esteja insatisfeito com o rendimento acadêmico nas disciplinas formais, vê essa outra via de aprendizagem como um importante motivador para continuar no curso. Essa compreensão da relevância dos outros espaços formativos para além das disciplinas acadêmicas e da sala de aula é compartilhada por Vitória (PSI.UFC), que os percebe como fonte de realização.

Portanto, compreende-se que a participação em outros espaços formativos, como projetos, programas, laboratórios, núcleos de extensão, pesquisa etc. constitui-se uma estratégia específica de permanência que vai além da busca em aumentar o desempenho acadêmico. Esta estratégia aborda uma percepção de formação para além das notas das disciplinas formais. Constitui uma estratégia diferenciada que nos foi apresentada pelos sujeitos da pesquisa nesta investigação. Portanto, considera-se que a inserção nesses ambientes formativos sejam importantes estratégias individuais para a permanência.

Alguns autores ilustraram a potência da estratégia de rendimento através da relação entre o acesso às bolsas e permanência, o que podemos arrolar não somente às questões de ordem material, mas à construção de dispositivos para inserção em outros espaços promotores de aprendizagem, elevando o nível de desempenho acadêmico. Santos (Santos, 2013) aponta como destaque as experiências do PIBIC (Programa de Bolsas de Iniciação Científica) e PIBID (Programa de Bolsas de Iniciação à Docência), os grupos de pesquisa e auxílios oferecidos pela PAE.

Dessa forma, a estratégia participação em outros espaços formativos emergiu a partir dos relatos dos sujeitos de pesquisa, estando teoricamente atrelada à questão do desempenho acadêmico, já reconhecida e relatada (Santos, 2009). Por fim, consideramos que as estratégias para permanecer muitas vezes se encontram e complementam (Figura 1), podendo ser trilhadas individual ou coletivamente.

Figura 1 - Mapa categorial das Estratégias Acadêmicas de Permanência



Fonte: elaborada pelas autoras a partir do Software Atlas.ti.

Nota: equivalência (= =); oposição (< >).

Percebe-se, na Figura 1, que a estratégia asserção relaciona-se com as de enfrentamento, polarização e cooperação (símbolo = =), já que essa é o princípio gerador das demais (Cavalcante, 2014). No entanto, a estratégia de invisibilidade se opõe às de asserção, enfrentamento e polarização (símbolo < >). As estratégias de desempenho e participação em outros espaços formativos estão relacionadas por serem mais voltadas aos aspectos de formação e também se relacionam com a estratégia de asserção.

Ressalta-se ainda que as estratégias de enfrentamento específicas do Ensino Superior aqui relatadas são todas relevantes e necessárias como mecanismos possíveis de permanecer no meio acadêmico. Portanto, cabe visualizar como elas se colocam em termos de enfrentamento das implicações psicossociais da pobreza (Figura 2).

Figura 2 – Estratégias Específicas e seus níveis de enfrentamento



Fonte: elaborada pelas autoras.

No entanto, algumas delas, embora sejam muitas vezes as únicas respostas e reações possíveis dos sujeitos, acabam por camuflar a realidade dos alunos pobres e cotistas, tais como a polarização e a invisibilidade (Figura 2). Ainda assim, são consideradas as potencialidades dessas estratégias no combate aos desafios em um ambiente universitário adverso, cuja sobrevivência simbólica outorga a necessidade de pertencimento, cabendo destacar, inclusive, que a polarização pode ser um caminho para as estratégias transformadoras.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suporte social no meio universitário é percebido em uma diversidade de fontes, o que foi identificado nas informações qualitativas e quantitativas, com destaque para a importância das redes de sociabilidade entre os estudantes. O apoio advindo da família é fundamental, no entanto, implica em sacrifícios financeiros, dada a condição de pobreza. Já que essa fonte de apoio nem sempre é possível ou suficiente, há a imprescindibilidade do apoio institucional, através da Assistência Estudantil, principalmente. No caso de um dos entrevistados, na impossibilidade do suporte familiar e institucional, o apoio veio da própria comunidade rural.

Identificou-se que algumas estratégias específicas do Ensino Superior atuam no sentido da transformação do ambiente acadêmico, tensionando à mudanças estruturais em sua cultura e relações, tais como o enfrentamento, a cooperação e a asserção. Destaca-se a atitude transformadora que se faz imprescindível, pois sabe-se o quanto é necessária a afirmação dos grupos marginalizados para que eles possam empreender esforços e lutar no campo de forças da cultura acadêmica, na contramão da hegemonia dos grupos dominantes, principalmente, pelo direito de pertencer, de ocupar, de se apropriar de forma que a universidade seja um espaço com o qual possam se identificar. Assim, há a necessidade de transformar currículos, práticas e saberes, de forma a contemplar a diversidade, interculturalidade dos novos públicos que adentram nas universidades públicas brasileiras.

Dessa forma, destaca-se a contribuição deste artigo ao elucidar questões que poderão auxiliar no planejamento de ações que promovam as mudanças necessárias à uma universidade mais aberta, plural e acolhedora em relação aos grupos até então marginalizados. As limitações consistiram em não abranger a problemática dos estudantes pobres nas instituições privadas, nos cursos à distância e na pós-graduação, o que sugere a necessidade de futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

Almeida, L., Marinho-Araujo, C. M., Amaral, A., & Dias, D. (2012). Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. *Avaliação (Campinas)*, 17(3), 899-920. Disponível em doi: [10.1590/S1414-40772012000300014](https://doi.org/10.1590/S1414-40772012000300014) (Acessado em 28/07/2017).

- Almeida, W. M. (2007). Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. *Cad. CRH*, 20(49), 35-46. Disponível em doi: [10.1590/S0103-49792007000100004](https://doi.org/10.1590/S0103-49792007000100004) (Acessado em 5/8/2016).
- Alves, C. B. & Pedroza, R. L. S. (2018). Identidade, universidade e integração na América Latina: um estudo de psicologia. *Psicologia em Revista* [online]. 24 (3), 855-874. Disponível em doi: [10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p855-874](https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p855-874) (Acessado em: 2/3/2020).
- Andrade, G. R. B., & Vaitsman, J. (2002). Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 925–934. Disponível em doi: [10.1590/S1413-81232002000400023](https://doi.org/10.1590/S1413-81232002000400023) (Acessado em 28/5/2017).
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Braga, I. F. (2011). *Adolescência e maternidade: analisando a rede social e o apoio social*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bourdieu, P. (2007). *A economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. & Passeron, J.C. (2010). *Los herederos: los estudiantes y la cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.
- Brasil. (2012). Lei nº. 12.711. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL03/Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm> (Acessado em 7/10/2015).
- Cavalcante, C. V. (2014). *Educação superior, política de cotas e jovens: das estratégias de acesso às perspectivas de futuro*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Goiânia.
- Cardoso, H. F. & Baptista, M. N. (2015). Evidência de Validade para a Escala de Percepção do Suporte Social (Versão Adulta) - EPSUS-A: um Estudo Correlacional. *Psicol. cienc. prof.*, 35(3), 946-958. Disponível em doi: [10.1590/1982-3703001352013](https://doi.org/10.1590/1982-3703001352013) (Acessado em 9/9/2019).
- Cidade, E.C. (2019). *Estratégias psicossociais de enfrentamento à pobreza: um estudo sobre o fatalismo e a resiliência em pessoas residentes na*

zona rural brasileira. Tese de Doutorado, Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Diniz, A. M. (2017). Questionário de Integração Social no Ensino Superior (QISES). In: L. S. Almeida; M. R. Simões; M. M. Gonçalves. (Coords.). Adaptação, desenvolvimento e sucesso acadêmico dos estudantes do Ensino Superior: Instrumentos de avaliação. Braga: ADPSICEDU, p. 21-32. Disponível em: <http://www.adipsieduc.pt/wpcontent/uploads/2014/12/9789899951716.pdf> (Acessado em 3/10/2017).

Diniz, A. M. (2005). A Universidade e os seus estudantes: Um enfoque psicológico. Lisboa: ISPA.

Gonçalves, T. R., Pawlowski, J., Bandeira, D. R., & Piccinini, C. A. (2011). Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: aspectos conceituais e instrumentos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(3), 1755–1769. Disponível em doi: [10.1590/S1413-81232011000300012](https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000300012) (Acessado em 4/5/2017).

Griep, R. H., Chor, D., Faerstein, E., Werneck, G. L., & Lopes, C. S. (2005). Validade de constructo de escala de apoio social do Medical Outcomes Study adaptada para o português no Estudo Pró-Saúde. *Cad Saúde Pública*, 21(3), 703–14. Disponível em doi: [10.1590/S0102-311X2005000300004](https://doi.org/10.1590/S0102-311X2005000300004) (Acessado em 4/5/2017).

Leite, J. L. (2012). Política de Assistência Estudantil: direito da carência ou carência de direitos? *SER Social*, 14(31), 453-472. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/viewFile/4052/6485 (Acessado em 15/3/2019).

Paula, M. F. C. (2017). Políticas de democratização da educação superior brasileira: limites e desafios para a próxima década. *Avaliação (Campinas)*, 22(2), 301-315. Disponível em doi: [10.1590/s1414-40772017000200002](https://doi.org/10.1590/s1414-40772017000200002) (Acessado em 4/5/2017).

Queiroz, Z. C. L. S., Miranda, G. J., Tavares, M., & Freitas, S. C. (2015). A lei de cotas na perspectiva do desempenho acadêmico na Universidade Federal de Uberlândia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 96(243), 299-320. Disponível em doi: [10.1590/S2176-6681/339112863](https://doi.org/10.1590/S2176-6681/339112863) (Acessado em 3/7/2016).

Ribeiro, E. M. B. A., Peixoto, A. L. A., & Bastos, A. V. B. (2017). Interação entre estudantes cotistas e não cotistas e sua influência na integração social e

desempenho acadêmico na universidade. *Estud. psicol. Natal*, 22(4), 401-411. Disponível em doi: [10.22491/1678-4669.20170041](https://doi.org/10.22491/1678-4669.20170041) (Acessado em 13/8/2018).

Santos, J. (2013). Acesso e permanência no curso de pedagogia da universidade federal da Bahia: um estudo sobre as estratégias dos estudantes oriundos das escolas públicas. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Santos, D. B. R. (2009). Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa, Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Sen, A. K. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.

Serafim, N. K. P. (2015). As representações sociais sobre o mérito: um estudo com estudantes cotistas e não cotistas da Universidade Federal do Semiárido do Rio Grande do Norte. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa,

Silva, L.B., Feitosa, M. Z. S., Nepomuceno, B. B., Silva, A. M. S., Ximenes, V. M., & Bomfim, Z. A. C. (2016). Apoio Social como modo de enfrentamento à pobreza. In V. M. Ximenes, B. B. Nepomuceno, E. C. Cidade, & J. F. Moura Júnior. (Orgs.) *Implicações Psicossociais da Pobreza: Diversidades e Resistências*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, p. 289-310.

Siqueira, M. M. M. (2008). Construção e validação da Escala de Percepção de Suporte Social. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 381-388. Disponível em doi: [10.1590/S1413-73722008000200021](https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200021) (Acessado em 10/10/2016).

Tontini, G. & Walter, S. A. (2014). Pode-se identificar a propensão e reduzir a evasão de alunos? Ações estratégicas e resultados táticos para instituições de ensino superior. *Avaliação (Campinas)*, 19(1), 89-110. Disponível em doi: [10.1590/S1414-40772014000100005](https://doi.org/10.1590/S1414-40772014000100005) (Acessado em 28/7/2017).

Vargas, M. L. F. (2011). Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. *Avaliação (Campinas)*, 16(1), 149-163. Disponível em doi: [10.1590/S1414-](https://doi.org/10.1590/S1414-)

[40772011000100008](#) (Acessado em 17/8/2017).

Vigotsky, L.S. (2001). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Ximenes, V. M.; Nepomuceno, B. B.; Moura Jr., J. F.; Abreu, M. K. A.; Ribeiro, G. O. (2020). Validação da Versão Reduzida da Escala de Percepção de Suporte Social. (EPSS-r). Artigo no prelo, aceito e finalizado para publicação em 2020 na Revista Psico USF.

Ximenes, V. M., Cidade, E. C., Nepomuceno, B. B., & Leite, J. F. (2014). Pesquisa e intervenção a partir da realidade social – Desvelar das implicações psicossociais da pobreza. In C. Stella. (Org.) *Psicologia Comunitária: contribuições teóricas, encontros e experiências*. Petrópolis: Ed. Vozes, p. 87-110.

Zago, Nadir. (2006). Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Periódico Revista Brasileira de Educação*, 11(32), 226-237. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf. (Acessado em 28/7/2016).